der às normas da OMC. Os EUA, em contraposição, acusam a UE de não cumprirem uma determinação da OMC, de 1997, segundo a qual a importação de bananas beneficiava os produtores do Caribe e prejudicava os latino-americanos.

Yes, nós temos

A Índia é o principal produtor mundial, com 10 milhões toneladas, mas não participa do mercado de exportação. O mesmo acontecia com o Brasil, segundo maior produtor mundial de bananas, que negociava externamente parte insignificante da sua produção. A partir do plantio crescente da variedade Cavendish no território nacional, a mais aceita no mercado internacional, as negociações tomaram outros rumos. O vale do Açu, no Rio Grande do Norte, emerge como grande pólo de desenvolvimento para a cadeia produtiva da lavoura.

A partir do plantio crescente da variedade Cavendish, a mais aceita no mercado internacional, o Brasil passou a exportador de bananas. O vale do Açu, no Rio Grande do Norte, emerge como grande pólo de desenvolvimento para a cadeia produtiva da lavoura.

Diante desse cenário, o país também passou a reivindicar participação no regime de cotas, conforme pedido oficial encaminhado à OMC em 24 de julho de 1988. O resultado foi positivo: a cota foi ampliada de 6% para 9,43%. Como era de esperar, as multinacionais norte-americanas que controlam a produção dos países latino-americanos até agora não se pronunciaram, embora acompanhem com diligência a nova postura brasileira.

Com relação à guerra das bananas envolvendo EUA e UE, o mercúrio do termômetro chega ao máximo. Depois que os primeiros decidiram impor efetivamente tarifas provisórias a diversos produtos de exportação europeus, esperemos o que vem por aí. A próxima batalha será em torno da carne bovina, caso os europeus não suspendam a proibição do comércio de carne bovina produzida com hormônio. A partir de 13 de maio o governo norte-americano deverá anunciar uma lista de produtos europeus sujeitos à taxação de 100%, a totalizar US$900 milhões. A OMC já decidiu que a comercialização da carne com hormônio é legal, mas a UE a proíbe há mais de 10 anos.

E-mail: pinazza@agroceres.com.br

Conjuntura

PRONTOS E SEMIPRONTOS

A mania das fritas

Solução rápida e saborosa, a batata frita pronta e semipronta ganha os mercados do mundo

Irene Raguenet Troccoli

Enquanto os consumidores procuram cada vez mais por opções práticas para suas refeições domésticas, cresce o interesse das empresas pelo segmento de alimentos prontos e semiprontos, produtos mais lucrativos por seu maior valor agregado. Por isso cresce o número de empresas que não hesitam em transitar por áreas totalmente novas, interessadas em aumentar sua constelação de produtos, mesmo que sua vocação tradicional se centralize em um ou dois segmentos específicos.

Recentemente, por exemplo, a Sadia inaugurou sua primeira fábrica de pizzas congeladas, nicho totalmente diferenciado da tradicional atuação nas áreas de carnes e óleos. Segundo fontes da empresa, até o ano 2000 um total de US$350 milhões deverá ter sido investido visando ao aumento da produção de alimentos industrializados prontos e semiprontos, congelados e refrigerados.

Não estranha, portanto, o crescimento que a produção mundial de legumes e hortaliças prontos para consumo, congelados ou não, vem apresentando nos últimos anos. As raízes do fenômeno se encontram na menor disponibilidade de tempo para o preparo doméstico das refeições, no crescimento do setor de *fast-food* nas maiores cidades e na própria conscientização dos consumidores institucionais quanto à melhor relação custo/benefício obtida por meio desses produtos.

O caso das batatas fritas congeladas é emblemático, por se tratar de produto de grande solicitação em restaurantes e lanchonetes, mas com presença também garantida no ambiente doméstico.

Em termos mundiais, o destaque na produção de batatas fritas congeladas fica para a América do Norte, já que os EUA e o Canadá, conjuntamente, estarão oferecendo 4,3 milhões de toneladas do produto na temporada 1998/99.

No que tange aos norte-americanos, apesar de a produção alcançar mais de 3 milhões de toneladas por temporada, seu consumo interno se encarrega de absorvê-la em sua quase totalidade, basicamente através da demanda dos clientes institucionais. Fatores como a melhoria da qualidade do produto e o aumento na renda da população de países importadores da Ásia e da América Latina reforçam o crescimento do setor.

Mas é no Canadá que a indústria de batatas fritas congeladas revela força especialmente acentuada. Entre as temporadas 1996/97 e 1998/99 sua produção deverá avançar quase 19% em termos acumulados. No mesmo período, a relação entre a quantidade produzida e o consumo interno passou de 1,7 para 2,1, evidenciando o interes-

Batatas fritas congeladas – países selecionados

Balanço de oferta e demanda – 1998/99 (p) – em toneladas

Item	*Estados Unidos*	*Holanda*	*Japão*	*Canadá*
Estoque inicial	473.585	0	0	45.000
Produção	3.400.000	1.300.000	32.000	900.000
Importação	415.000	40.000	270.000	30.000
Exportação	450.000	1.140.000	0	500.000
Consumo interno	3.250.000	200.000	302.000	435.000
Estoque final	588.585	0	0	45.000

Fonte: Usda, fev. 1998.
(p) Previsão.

se das empresas no mercado externo. Têm ocorrido grandes investimentos em novas plantas industriais nas províncias ocidentais do país, com forte interesse de empresas tanto estrangeiras quanto nacionais na instalação de tecnologia de ponta visando ao aumento da competitividade do produto final no mercado externo.

A Holanda também chama a atenção no segmento de batatas fritas congeladas. O país apresenta a segunda maior produção mundial, com 1,3 milhão de toneladas, e quase 90% desse volume é destinado à exportação. Seus mercados têm sido outros países europeus (que realizam 90% das compras), o Oriente Médio e a América Latina.

O segmento apresenta peculiaridades, como por exemplo um crescimento às vezes dificultado por aspectos específicos da política agrícola interna dos países. É o caso do Japão, onde o consumo de batatas fritas congeladas cresceu 13% em termos acumulados desde a temporada 1996/97, devido ao rápido aumento do número de lojas ligadas às redes internacionais de alimentação especializadas em *fast-food*. Apesar disso, a produção japonesa de batatas fritas congeladas vem declinando paulatinamente nos últimos anos: menos de 3% da colheita interna do legume se destinou à transformação industrial na temporada 1997/98. Isso acontece porque os produtores japoneses lucram mais vendendo o produto fresco para consumo do que nas vendas a empresas transformadoras. Sorte dos norte-americanos, já que a quase totalidade das importações japonesas de batatas fritas congeladas provém dos EUA – atualmente 52% de toda a sua exportação.

E-mail: iragtroc@fgv.br

Conjuntura

CAFÉ

O bom café do Brasil

O café brasileiro deu a volta por cima: em fevereiro bateu recorde histórico de exportação

Rogério Ferreira de Souza

Tudo indica que 1999 será um excelente ano para a cafeicultura brasileira. O aumento do volume exportado nos três primeiros meses do ano vem animando o setor, que desde o fim de 1998 reage com crescimento e conquista de novos mercados.

Fevereiro foi considerado um recorde histórico para o período. Foi exportado um total de 1,85 milhão de sacas de 60kg, gerando uma receita cambial de US$208 milhões. Comparado a janeiro, constata-se um crescimento de 32%, e em relação ao mesmo período do ano passado um crescimento ainda maior: 94%.

De acordo com o desempenho dos dois primeiros meses de 1999, o produto acumulou uma receita cambial de US$378 milhões, cerca de 2% superior ao mesmo período do ano passado. A Febec estimava um desempenho para março em torno de 1,7 milhão de sacas de 60kg exportadas, com receita cambial de US$200 milhões. O resultado de março ficou acima do estimado pela entidade. Foram exportadas 2,078 milhões de sacas e a receita cambial foi de US$226,28 milhões, o maior volume desde novembro de 1991. Para 1999, a previsão é de que o desempenho da cafeicultura brasileira fique em torno de US$2,4 bilhões. Confirmadas as estimativas, o setor repetiria a ótima *performance* de 1998.

O bom resultado auferido nesses três primeiros meses do ano corresponde à conjunção de alguns fatores, com destaque para a desvalorização cambial, ocorrida em meados de janeiro deste ano, e os efeitos da retração da oferta dos países exportadores da América Central, entre eles, Colômbia, Guatemala e El Salvador, em conseqüência do furacão Mitch. A Colômbia apresentava alguns índices significativos de aumento das exportações, porém há sinais de reversão de tendência de dezembro de 1998 a janeiro deste ano, quando as exportações colombianas assinalaram uma redução de 8% no volume exportado.

Com a redução da oferta mundial, o Brasil passou a ser o maior ofertante, aumentando a sua participação no comércio mundial de 21% para 24% em janeiro de 1998 e fevereiro deste ano. Segundo dados da Organização Internacional do Café (OIC), em janeiro a participação brasileira no mercado mundial foi ainda mais expressiva, passando de 15% para 26%, enquanto todos os outros países somados sofriam queda de 17% e o Brasil aumentava suas vendas de café verde e solúvel em 70%.